

QUANDO O RAP FALA, A PERIFERIA PENSA: ARTE, POLÍTICA E IDENTIDADE NEGRA

Camille Andrade de Farias¹; Jean Ismael da Silva Santos²; Anúbes Pereira de Castro³.

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande², Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca e Docente da Universidade Federal de Campina Grande³.

fariascamille87@gmail.com

RESUMO

O trabalho analisa o rap enquanto porta-voz dos sonhos e das dores das comunidades negras e periféricas há séculos marginalizadas na sociedade brasileira, que tem em sua história mais de 300 anos de um regime colonialista. Esta pesquisa se ancora em um conjunto heterogêneo de materiais, valorizando não apenas a produção científica, mas também as expressões culturais como formas legítimas de conhecimento e análise social. Os resultados identificaram como os discursos disseminados pelos rappers tensionam a lógica hegemônica, promovendo novas formas de expressão da subjetividade negra periférica. Ao denunciar as desigualdades e as violências estruturais que atingem essa população, o gênero musical se configura como um meio de resistir e exigir por melhores condições de vida, permitindo que pessoas pretas e pobres contem a sua história e se reinscrevam como sujeitos na sociedade que tenta invisibilizá-los. À medida que narra as múltiplas vivências que definem o que é ser negro e periférico no Brasil, o rap também atua como ferramenta de educação política, fortalecendo as identidades individual e coletiva e incentivando a luta social.

Palavras-chave: rap; identidade; resistência.

De um quadro grave, eu faço um quadro de arte
Rimando a vida, somos a voz da cidade
Que nos divide em facções, drogas e armas
Broncas e áreas
Temos um jeito de nascer, mais de mil pra morrer
E quem tá preparado para o qual vai ser?
Robocop é o herói só na TV
Então, nem sempre a arte imita a vida

1 INTRODUÇÃO

Partindo da pergunta “quem sou eu?”, o estudo da identidade pela psicologia social está implicado no resgate da história pessoal em conjunto com a realidade e as interações sociais do sujeito (Pedro, 2005). Assim, os sentimentos desenvolvidos em relação a si mesmo estão em constante movimento, sendo balizados pelo contexto histórico vivido.

Nesse sentido, é impossível pensar na subjetividade do povo brasileiro sem considerar os mais de três séculos de colonialismo europeu, uma vez que a dominação portuguesa não se limitou aos corpos e territórios, mas também controlou o ser e o saber (Luz, 2023). Sob essa perspectiva, percebe-se que a herança colonial levou à criação de estruturas mentais e sociais alicerçadas em ideais hegemônicos que privilegiam os homens brancos, ricos e heterossexuais, em detrimento de todos aqueles que não se enquadram nessa categoria. A problemática referida deixou marcas profundas no processo de construção da identidade nacional, visto que, ao terem suas histórias contadas pelo viés europeu, as populações negras e indígenas perderam suas referências (Luz, 2023). Esse modo de organização social, no qual a exclusão dos grupos minoritários aparece como aspecto fundamental das interações (Jodelet, 2001), gera obstáculos na produção de subjetividades alinhadas às múltiplas vivências brasileiras, facilitando a perpetuação de práticas discriminatórias e estigmatizantes naturalizadas no cotidiano. Assim, nota-se que a marginalização de pessoas pretas e pobres não é um desvio, mas sim uma norma construída social e historicamente no Brasil, crucial ao funcionamento da sociedade de classes. Ainda que façam parte dela, os negros periféricos são mantidos à margem da sociedade, relegados ao papel de um eterno “outro” que não pode ser protagonista da sua própria história, que não é mais considerado pessoa e cujo estatuto de sujeito lhes é negado (Gruman e Rodrigues, 2021; Jodelet, 2001).

Diante desse contexto, o rap nacional surge, na década de 1980, como um dos meios de resistência e transformação do cenário de desigualdade no qual nasce o brasileiro. Através de letras que denunciam a violência policial, o descaso estatal, o racismo e a exclusão sistemática desses indivíduos, o gênero musical se consolida como um instrumento de disseminação de uma consciência crítica ante as relações raciais (Santos, 2008). Dessa forma, a influência do rap se estende ao fortalecimento de aspectos como a identidade, a autoestima e os vínculos comunitários entre os sujeitos marginalizados.

2 METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a constante afirmação de tal abordagem como “campo fértil das ciências humanas e sociais” (Santos e Sousa, 2020, p. 1397). Foi feita uma revisão bibliográfica de fontes textuais e midiáticas que tratam do rap brasileiro, e os recortes desses achados foram submetidos à análise de discurso — técnica que coloca em relação os setores da língua e da sociedade, visando identificar como a história e a ideologia se fazem presentes no discurso criado e disseminado coletivamente (Gregolin, 1995).

Foram examinadas sete músicas, dentre as quais selecionamos “Abaixo do Radar” (Febem, 2024), “Bluesman” (Baco Exu do Blues, 2016) e “Quadros” (BK, 2016), em razão da maior aproximação de seu conteúdo com o tema da identidade aqui abordado. Por esse mesmo

motivo, foram trazidas duas entrevistas — uma via Instagram (Pretodefatu, 2025) e a outra através do YouTube (Sabotage Brooklinsul, 2016) —, nas quais o rapper Sabotage descreve as suas vivências e discute sobre o impacto do rap nas periferias brasileiras; além de uma matéria jornalística, dentre duas analisadas, em que o artista Febem fala sobre o impacto pessoal e social da sua música.

No que tange às fontes científicas, foram reunidos oito artigos retirados do Google Acadêmico, sob o critério de corresponderem às Ciências Humanas (antropologia, história, psicologia social, entre outras). Destes, foram selecionados os seis estudos que julgamos mais colaboradores aos seguintes tópicos de investigação: contexto sociohistórico dos grupos vulneráveis; conceito de identidade; história do rap; como o rap produz efeitos na elaboração da identidade pessoal e coletiva de sujeitos marginalizados e de que maneira a arte promove a formação política de indivíduos e provoca transformações sociais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao captar e retratar as experiências das populações historicamente excluídas, o rap contribui significativamente para a superação de um cenário em que a única referência do preto pobre é o branco rico. Quando a cultura passa a enfatizar elementos visuais como cortes de cabelo, roupas de time, joias e gírias, evidencia-se um movimento de retomada do controle das narrativas negras por aqueles que vivem, diariamente, a luta e a resistência nos subúrbios brasileiros. Sendo assim, os poetas ocupam uma posição de liderança política e cultural, através não de cargos oficiais, mas de composições artísticas que produzem representações das dores, dos sonhos e das batalhas dessa população. Como exemplo desse movimento, pode-se refletir acerca da canção “Bluesman”:

Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela gritando: Cocaína
Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme
Eu sou a porra do Mississipi em chama
Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama
Racista filha da puta, aqui ninguém te ama
Jerusalém que se foda, eu tô à procura de Wakanda, ah
(Baco Exu do Blues, Bluesman, 2016).

No trecho acima, Baco critica as expectativas limitantes e depreciativas que são impostas sobre os grupos periféricos, como resultado direto da hierarquia excludente que organiza a sociedade. Ao expor a maneira como as populações dominantes reproduzem estigmas, associando as vivências pretas e pobres à criminalidade e à tragédia, o rapper reafirma o papel do rap como voz de denúncia.

Esse mesmo entendimento é reforçado por Sabotage, que, ao lado de Racionais MC's, Emicida, Djonga e BK, compõe um dos grandes nomes do rap nacional. Em entrevista, o artista relata que o rap surgiu, em sua vida, como uma alternativa concreta ao envolvimento com o crime, muitas vezes motivado pela ausência de oportunidades que marca a trajetória do jovem periférico (Pretodefatu, 2025). Dessa forma, a arte aparece como reveladora de que pessoas marginalizadas podem conquistar uma qualidade de vida superior àquela à qual são “sentenciadas” desde o nascimento, evidenciando que a ascensão e o reconhecimento social são

possíveis.

Com uma linguagem acessível, capaz de alcançar aqueles privados de uma educação formal, Sabotage também discorre sobre o preconceito que apaga as subjetividades da pessoa preta, que luta para ocupar os espaços físicos e simbólicos dos quais foi historicamente excluída (Sabotage Brooklinsul, 2016). Sua fala, assim como sua obra, atua de maneira educativa para os que compartilham das mesmas condições sociais, convidando-os à reflexão crítica sobre sua própria realidade.

No vídeo publicado pela página “pretodefatu”, percebe-se que o rapper, assassinado em 2003, era um símbolo de esperança e inspiração para as crianças da sua comunidade, o que aponta para o fortalecimento do senso de identidade coletiva e a ampliação das perspectivas para a população periférica. Sob esse prisma, destaca-se o pensamento de Herschmann (1997 *apud* Cannavô, Habowski e Santos, 2024, p. 3), o qual afirma que “pertencer a algum lugar é construir comunidade por intermédio de afetos arraigados na experiência vivida, onde os sujeitos marginalizados podem se sentir parte de uma comunidade maior que compartilha suas lutas, desejos, aspirações, reflexões, resistências”.

À vista disso, nota-se que o rap configura um meio para a ressignificação das vivências marginalizadas, que são convertidas em potência criativa e de resistência diante das desigualdades sociais. Com o aumento de repertórios que colocam a sua subjetividade em evidência, o indivíduo negro e periférico pode, agora, em resposta à pergunta “quem sou eu?”, trazer uma multiplicidade de referências. A história dessa população passa a ser escrita por ela mesma, de tal forma que o preto pobre pode identificar-se mais com a sua comunidade e ganha força para lutar por melhores condições de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que a vida nas periferias é marcada por barreiras socioeconômicas que limitam o acesso dessa população a direitos fundamentais, como renda, educação, saúde, segurança e cultura. Diante disso, o rap surge como porta-voz das violências estruturais e institucionais cometidas contra as minorias.

Nesse processo, tais artistas atuam como catalisadores do seu povo através da promoção da identidade coletiva, fortalecendo a união entre sujeitos com experiências semelhantes e encorajando a luta por reconhecimento e justiça. Ao cantar “em homenagem aos privilégios que não tive, mais um poeta que usa camisa de time” (Febem, 2024), Febem exalta a comunidade pobre e implica que o seu modo de estar no mundo é diretamente influenciado pelas suas raízes históricas e culturais. Apesar de terem ascendido social e economicamente, eles não traem as suas origens: “É um estigma de como a estética periférica ainda é mal vista. Eu sou um poeta de camisa de time, não rimo de terno e gravata”, disse o mesmo rapper em entrevista (Ibarra, 2024).

Desse modo, o gênero se insere como parte de um movimento político e cultural que ultrapassa o mundo da música. Como evidencia Luz (2023, p. 44), pode-se relacionar o papel do rap nacional enquanto “produções musicais que “escrevivem” e revelam um presente alicerçado em pilares racistas, mas que utilizam da música como forma de resistir, existir e exigir por futuros melhores”.

5 REFERÊNCIAS

BACO EXU DO BLUES. *Bluesman*. Intérprete: Baco Exu do Blues. Compositor: Baco Exu do Blues. In: BLUESMAN. Bahia: 999, 2018. Streaming, faixa 1.

BK. *Quadros*. Intérprete: Ashira, BK, JXNV\$, Luccas Carlos. Compositor: Abebe Bikila Costa Santos, Caroline Ashira, Jonas Ribeiro Chagas. In: CASTELOS & RUÍNAS. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2016. Streaming, faixa 3.

CANNAVÔ, V. B.; HABOWSKI, A. C.; SANTOS, E. G. dos. Identidade e pertencimento no rap: uma análise das músicas do rapper Djonga. *Cenas Educacionais*, [S. l.], v. 7, p. e21559, 2024.

FEBEM. *Abaixo do Radar*. Intérprete: CESRV, FEBEM. Running. São Paulo: Ceia Ent., 2024. Streaming, faixa 2.

GREGOLIN, M. A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alfa*, São Paulo, 39: 13-21, 1995.

GRUMAN, P.; RODRIGUES, C. Do abjeto ao não-enlutável: o problema da inteligibilidade na filosofia de Butler. *Anuário Antropológico [Online]*, v.46, n.3, 2021.

IBARRA, P. "*Poeta de camisa de time*": *Febem lança álbum 'Abaixo do radar'*. O rapper paulista fala ao Correio sobre o lançamento e todo impacto pessoal e social da música que faz. *Correio Braziliense: Diversão e Arte*. 12 de jul. 2024. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2024/07/6897303-poeta-de-camisa-de-time-febem-lanca-album-abaixo-do-radar.html#google_vignette. Acesso em: 24 de ago. 2025.

JODELET, D. *Os processos psicossociais da exclusão*. In: SAWAIA, B. B. (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 52-66.

LUZ, R. História, memória e resistência: movimento negro e o rap nacional no Brasil (1993 2022). *Boletim do Tempo Presente*, vol. 12, n. 09. Set. 2023. p. 42-45.

PEDRO, W. O Estudo da Identidade no Âmbito da Psicologia Social Brasileira. *Revista Brasileira Multidisciplinar*, Arquivos, v. 9, n. 1, 2005.

PRETODEFATU. *52 anos de Sabotage! Sabotage*, uma das maiores referências do Rap Nacional, completaria 52 anos hoje. Ele foi um farol para toda uma geração preta e periférica. Deixou um enorme legado, rimando sobre desigualdades, negritude, violência policial e tudo o que envolve a vida do trabalhador periférico e favelado. Instagram: @pretodefatu, 3 abr. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DH_L8ostYR-/. Acesso em: 18 de ago. 2025.

SABOTAGE BROOKINSUL. *Sabotage (Mandando a letra para o sistema) Reflita*. 4 de mai. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=knUDkG8j0Vc>. Acesso em: 21 de ago. de 2025.

SANTOS, S. Os rappers e o 'rap consciência': novos agentes e instrumentos na luta anti-racismo no Brasil na década de 1990. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 169-182.

SANTOS, S.; SOUSA, J. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa. *Pesquisa e Debate em Educação*: v. 10, n. 2, 2020.